



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

AMISSÃO DJEDJO

**RITOS E COSTUMES NA GUINÉ-BISSAU: UM OLHAR A PARTIR DE RITUAL
FÚNEBRE TOKA TCHUR DO POVO MANDJACU DE BABOK**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

AMISSÃO DJEDJO

RITOS E COSTUMES NA GUINÉ-BISSAU: UM OLHAR A PARTIR DE RITUAL FÚNEBRE TOKA TCHUR DO POVO MANDJACU DE BABOK

Projeto de Pesquisa a ser apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, sediado no Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisitos parciais para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert da Silva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

AMISSÃO DJEDJO

RITOS E COSTUMES NA GUINÉ-BISSAU: UM OLHAR A PARTIR DE RITUAL FÚNEBRE TOKA TCHUR DO POVO MANDJACU DE BABOK

Projeto de Pesquisa a ser apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, sediado no Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisitos parciais para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em: 19/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cléber Daniel Lambert da Silva (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dr.^a Mariana Petroni

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dr.^a Elizia Cristina Ferreira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA	6
3	OBJETIVOS	6
3.1	GERAL	6
3.2	ESPECÍFICOS	6
4	JUSTIFICATIVAS	7
5	HIPÓTESE	8
6	REFERENCIAL TEÓRICO	9
6.1	RITUAL	9
6.2	A MORTE PARA O POVO MANDJAKU DE BABOK	11
6.3	CERIMÔNIA FÚNEBRE DE MANDJACU DE BABOK	13
6.4	RITUAL DE TOKA TCHUR DO POVO MANDJACU DE BABOK	15
7	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
8	CRONOGRAMA	18
	REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto visa compreender os ritos e costumes na Guiné-Bissau, com uma análise específica do ritual fúnebre Toka Tchur do povo Mandjaku de Babok. Objetiva-se descrever os elementos e procedimentos do ritual fúnebre Toka Tchur, destacando suas características principais e simbólicas; assim como analisar a influência do Toka Tchur nos valores culturais da comunidade Mandjaku, incluindo tradições, crenças e práticas cotidianas, além da sua contribuição para a coesão social da comunidade, promovendo a solidariedade e o senso de pertencimento entre os membros. E avaliar os impactos do Toka Tchur na identidade cultural da comunidade Mandjaku, considerando aspectos de preservação e transmissão cultural entre gerações.

Antes de adentrarmos na temática do Toka Tchur, é essencial realizar uma breve localização espacial do povo Manjaco, o qual constantemente será referido neste trabalho. Segundo (Gomes de Jesus, 2018), na primeira metade do século XX, a Guiné-Bissau, então conhecida como Guiné-Portuguesa, que permanecia sob domínio colonial. A administração colonial utilizava o Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (BCGP) como um órgão informativo destinado a reunir dados sobre as populações indígenas da Guiné, além de informações sobre o cotidiano, a geografia, a flora e a fauna da colônia. Por meio dos textos, relatos e imagens coletados no BCGP, podemos encontrar diversas informações a respeito dos Manjacos na Guiné-Bissau, abrangendo o período de 1945 até a independência política em 1973.

Grande parte dos grupos étnicos que compõem o território guineense é descrita como originária da terra, com destaque para os Manjacos, que já habitavam a região muito antes da chegada das primeiras embarcações europeias na costa oeste africana. A região do Cacheu, em particular, é conhecida como uma região predominantemente manjaca, devido à grande quantidade de tabancas (aldeias) manjacas presentes.

No entanto, existem outros grupos que se assemelham aos Manjacos em termos de cultura, linguística e organização social, mas que representam e são reconhecidas como etnias diferentes, das quais se destacam os Papéis e os Mancanhas, (Cardoso, 2003).

Não obstante, deve-se esclarecer que apesar do quadro multiétnico que caracteriza a sociedade guineense, o foco deste trabalho é entender sobre o ritual fúnebre toka tchur de povo *Mandjaku de Babok* conforme dito anteriormente.

2 PROBLEMA

Considerando a premissa de que o Toka Tchur é um fenômeno amplamente presente nas sociedades guineenses, com destaque na sociedade Mandjaku, indagamos o seguinte: *Como o ritual fúnebre Toka Tchur do povo Mandjaku de Babok reflete e influencia os valores culturais, sociais e religiosos da comunidade?*

Com base na pergunta de partida, compreende-se que a compreensão da relevância do ritual fúnebre Toka Tchur dentro da sociedade Mandjaku de Babok. A premissa de que o Toka Tchur é um fenômeno amplamente presente nas sociedades guineenses e especialmente significativo entre os Mandjaku é um ponto de partida fundamental. Isso permite uma análise aprofundada de como esse ritual específico não só reflete, mas também é importante na estruturação dos valores culturais, sociais e religiosos da comunidade.

Ao indagar como o Toka Tchur influencia esses valores, o texto nos convida a explorar as interconexões entre práticas tradicionais e a identidade coletiva. O ritual fúnebre, sendo uma cerimônia de grande significado, provavelmente desempenha um papel central na preservação de tradições, na transmissão de crenças e na consolidação de laços comunitários. Além disso, o impacto dessas práticas na coesão social pode ser visto na maneira como elas reforçam a solidariedade entre os membros da comunidade e fortalecem a identidade cultural do grupo.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

- ✓ Compreender como o ritual fúnebre Toka Tchur do povo Mandjaku de Babok reflete e influencia os valores culturais, sociais e religiosos da comunidade, bem como analisar os impactos dessas práticas tradicionais na identidade e na coesão social do grupo.

3.2 ESPECÍFICOS

- ✓ Descrever os elementos e procedimentos do ritual fúnebre Toka Tchur, destacando suas características principais e simbologias associadas;

- ✓ Analisar a influência do Toka Tchur nos valores culturais da comunidade Mandjaku, incluindo tradições, crenças e práticas cotidianas, além da sua contribuição para a coesão social da comunidade, promovendo a solidariedade e o senso de pertencimento entre os membros;
- ✓ Avaliar os impactos do Toka Tchur na identidade cultural da comunidade Mandjaku, considerando aspectos de preservação e transmissão cultural entre gerações.

4 JUSTIFICATIVAS

A pesquisa sobre o ritual fúnebre Toka Tchur do povo Mandjaku de Babok é crucial para compreender como essa prática tradicional não apenas reflete, mas também influencia os valores culturais, sociais e religiosos dessa comunidade guineense. Este estudo visa explorar como o Toka Tchur se integra às tradições, crenças e práticas cotidianas dos Mandjaku, destacando seu papel na preservação da identidade cultural e na coesão social do grupo. Ao investigar os impactos dessa cerimônia nos laços comunitários, solidariedade e senso de pertencimento entre os membros, pretendemos não apenas documentar uma parte significativa da cultura local, mas também contribuir para o entendimento mais amplo da dinâmica cultural e social na Guiné-Bissau.

Além disso, esta pesquisa pode fornecer elementos importantes para políticas culturais e de preservação que valorizem e respeitem as tradições ancestrais dos Mandjaku, fortalecendo assim o tecido social e identitário desta comunidade. Perante o exposto, a relevância da pesquisa abrange diversos aspectos: acadêmico, social, pessoal e político. Em termos pessoais, minha motivação surge da minha própria experiência como membro desse povo, recebendo ensinamentos transmitidos por minha mãe e compreendendo a importância que os Mandjaku atribuem ao mundo dos ancestrais. Isso despertou minha curiosidade em aprofundar meu entendimento sobre o escopo antropológico e as práticas culturais desse grupo.

O estudo dos ritos e costumes, como o ritual fúnebre Toka Tchur, na Guiné-Bissau, especificamente entre o povo Mandjaku de Babok, contribui para a preservação e compreensão da rica diversidade cultural presente na região. Ao explorar essas práticas, podemos não apenas enriquecer nosso conhecimento sobre as tradições específicas dessa comunidade, mas também valorizar a diversidade cultural da sociedade guineense, tornando-se importante para compreensão social e política da sociedade Mandjaku e guineense como um todo. A pesquisa

oferece uma oportunidade de aprofundar a compreensão da identidade cultural e da cosmovisão do povo Mandjaku de Babok.

Ao examinar os rituais fúnebres Toka Tchur, podemos desvendar aspectos fundamentais da forma como essa comunidade percebe e interage com a vida, a morte e o sobrenatural, contribuindo assim para um entendimento mais abrangente de suas crenças e valores. A pesquisa sobre ritos e costumes, especialmente aqueles relacionados à morte, desempenha um papel essencial na antropologia e nas ciências sociais. Além de fornecer visões sobre a dinâmica cultural local, esse estudo pode contribuir para o desenvolvimento de abordagens mais sensíveis e culturalmente adaptadas em áreas como saúde, psicologia e serviços sociais, reconhecendo a importância de compreender e respeitar as práticas tradicionais.

Durante a revisão da literatura, constatamos uma escassez de produções acadêmicas que abordam a temática dos ritos e costumes na Guiné-Bissau, especialmente no que se refere ao ritual fúnebre Toka Tchur do povo Mandjaku de Babok. Nesse contexto, a relevância do nosso trabalho reside na sua potencial contribuição como uma referência valiosa para futuros pesquisadores interessados nesse tema específico. Ao preencher essa lacuna na literatura existente, nosso estudo não apenas amplia o conhecimento sobre as práticas culturais dessa comunidade, mas também oferece uma base sólida para pesquisas subsequentes, incentivando o desenvolvimento de uma linha de estudo mais robusta e abrangente sobre os rituais e costumes na região. Dessa forma, visamos fornecer um ponto de partida significativo para investigações futuras, promovendo o avanço do entendimento acadêmico sobre esse importante aspecto da cultura guineense.

5 HIPÓTESE

Partimos da suposição de que o ritual fúnebre Toka Tchur do povo Mandjaku de Babok reflete profundamente os valores culturais, sociais e religiosos da comunidade, funcionando como um mecanismo central de preservação e transmissão de identidade cultural. Esse ritual, por meio de seus símbolos e práticas, contribui para a coesão social, promovendo a solidariedade e o senso de pertencimento ao reforçar laços comunitários e perpetuar tradições ancestrais. Além disso, acredita-se que o Toka Tchur influencia significativamente os valores culturais da comunidade Mandjaku, consolidando crença da imortalidade da alma e práticas

cotidianas, também desempenha um papel crucial na preservação da identidade cultural entre gerações.

Esta hipótese orientará a pesquisa para investigar de que maneira o Toka Tchur atua como um fator central na vida cultural da comunidade Mandjaku e como ele reforça a coesão social e a continuidade das tradições.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

Para embasar nossa proposta de pesquisa, exploraremos conceitos fundamentais com base em autores que se dedicaram à temática em questão. Iniciaremos analisando o conceito de *ritual*. Nesta seção, abordaremos definições e características relacionadas a rituais, considerando seu papel cultural, simbólico e religioso. Na sequência, aprofundaremos nossa investigação sobre a visão do povo Mandjaku de Babok acerca da *morte*. Discutiremos crenças, rituais funerários, tabus e a importância cultural associada à passagem para o além. Posteriormente, examinaremos detalhadamente a *cerimônia fúnebre* realizada pelo povo Mandjaku de Babok. Isso envolverá práticas específicas, como a preparação do corpo, o luto, cânticos, danças e outros rituais relacionados à despedida dos entes queridos. Por fim, dedicaremos uma seção ao *Ritual de Toka Tchur do Povo Mandjaku de Babok*. Investigaremos seu propósito, significado e como ele é conduzido dentro dessa comunidade.

6.1 RITUAL

Os rituais são práticas culturais, simbólicas ou religiosas que desempenham um papel significativo em diferentes contextos sociais. Seguindo a proposta apresentada por Thomas Barfield na obra “Dicionário de Antropologia”, o autor concebe o ritual como algo estritamente ligado aos atos formais e prescritos que ocorrem em contextos religiosos, como uma missa cristã, ou em práticas como o sacrifício aos espíritos dos antepassados. Nesse sentido, como observado pelos primeiros antropólogos, o ritual se opõe à teologia da mesma forma que a prática se opõe à teoria.

Geralmente, os antropólogos usam “ritual” para denotar qualquer atividade com alto grau de formalidade e finalidade não utilitária, abrangendo não apenas atividades claramente religiosas, mas também eventos como festivais, desfiles, iniciações, jogos e saudações. De forma geral, “ritual” pode referir-se ao aspecto expressivo de toda atividade humana. Na medida

em que transmite mensagens sobre a posição social e cultural dos indivíduos, qualquer ação humana possui uma dimensão ritual. Até mesmo atos tão mundanos quanto plantar um campo e preparar alimentos compartilham um aspecto ritual com o sacrifício e a missa. O ritual fornece aos antropólogos uma das fontes de informação mais ricas sobre culturas, cuja mitologia é explicada e dramatizada através dos respectivos rituais (Barfield, 1997, p. 545).

Ou seja, de acordo com o autor, cada sociedade possui suas próprias maneiras de celebrar e dar significado aos rituais, que podem variar entre religiosos, profanos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados. Essa variedade reflete não apenas as tradições culturais e históricas de cada comunidade, mas também a maneira como os indivíduos e grupos constroem e mantêm suas identidades sociais através de práticas rituais específicas.

Ainda segundo o autor, os antropólogos desenvolveram numerosas classificações de rituais, distinguindo entre fenômenos anuais, ritos ligados aos ciclos de vida, cerimônias civis, rituais de rebelião, entre outros. Uma categoria que engloba muitas dessas ideias é a dos rituais de transição, muitas vezes chamados de "ritos de passagem", que ocorrem quando as pessoas cruzam certas linhas divisórias no espaço, no tempo ou na cultura. A posição social é um dos elementos centrais dos ritos de passagem; por exemplo, a transição de criança para adulto geralmente envolve um ritual de iniciação. Transições para casamento, morte e a condição de membro de um grupo são ocasiões de cerimônia em quase todas as sociedades. Da mesma forma, a maioria das sociedades celebra a passagem de um ano para outro e de uma estação para outra (Banfield, 1997, p. 546).

Para o autor, muitos estudiosos antropológicos se dedicaram a estudar os rituais, considerando sua função como reprodutores da ordem social. Entre esses estudiosos, destaca-se Durkheim, que via a função do ritual como fonte da coesão social, proporcionando a noção de pertencimento e a experiência coletiva.

De acordo com Gennep, os ritos podem ser classificados de várias formas, resultando em dezesseis possibilidades de classificação. Esses ritos podem ser simpáticos e de contágio, diretos e indiretos, positivos e negativos. Segundo ele, os ritos simpáticos baseiam-se na ação de objetos que possuem certas proximidades, enquanto os de contágio são baseados nas materializações. Os ritos são diretos quando têm eficiência imediata, e indiretos quando dependem da intervenção de outras pessoas para desenvolver seus efeitos. Por último, Gennep distingue entre ritos positivos, que são atos determinados pela vontade, e ritos negativos, que são o oposto (Gennep, 2011, p. 28-29).

Diante disso, percebe-se que os rituais têm grande importância em nossas sociedades, pois nos permitem acessar o mundo dos mortos no caso de falecimento, e o mundo dos vivos

no caso de nascimento, independentemente de grupo étnico, social e cultural. Além disso, proporcionam estruturas para fortalecimento, sentimento de coesão social e pertencimento nas diversas sociedades.

6.2 A MORTE PARA O POVO MANDJAKU DE BABOK

Desde a existência da humanidade, ou seja, desde o período em que os homens começaram a se agrupar em coletividade, sempre desenvolveram suas formas de olhar e de interpretar o mundo de maneiras diversas. Uma dessas vertentes é o ritual da morte. A morte é algo que, cedo ou tarde, acontece a todo ser humano, podendo ser natural, acidental ou proposital. É um fenômeno ao qual o homem, até então, não está plenamente habituado devido ao sofrimento que deixa nas outras pessoas.

“No entanto, podemos encontrar em cada cultura uma forma de conviver com a morte, dentro das tradições praticadas nos diferentes grupos socialmente construídos, quer seja étnico, religioso” (Sanca, 2014, p. 2). Cada sociedade desenvolve rituais específicos para lidar com a morte, refletindo suas crenças, valores e tradições. Esses rituais não só ajudam a comunidade a lidar com a perda, mas também a celebrar a vida do falecido e a garantir que ele seja lembrado. Além disso, os rituais de morte servem como um meio de reafirmar a coesão social e a identidade coletiva do grupo, oferecendo um senso de continuidade e pertencimento em momentos de transição e luto.

A diversidade de rituais de morte pode incluir cerimônias funerárias, práticas de sepultamento, oferendas aos ancestrais, entre outros. Essas práticas variam de uma cultura para outra, ilustrando a riqueza das tradições humanas e a forma com que diferentes sociedades compreendem e enfrentam a inevitabilidade da morte.

De acordo com Bellato e Carvalho, a experiência existencial humana, onde vida e morte estão intrinsecamente ligadas, é uma questão que afeta apenas os vivos, especialmente os seres humanos. Apesar de animais e humanos passarem por fases como nascimento, doença, juventude, maturidade, velhice e morte, somente os seres humanos possuem a consciência de que irão morrer (Bellato; Carvalho, 2005, p. 100).

Bellato e Carvalho destacam uma característica única da experiência humana, a consciência da própria mortalidade. Segundo os autores, embora animais e humanos compartilhem diversas fases da vida, como nascimento, doença, juventude, maturidade, velhice e morte, apenas os seres humanos possuem a capacidade de compreender e refletir sobre a inevitabilidade da morte. Essa consciência da mortalidade não só distingue os humanos dos

demais seres vivos, mas também molda profundamente a maneira como vivemos nossas vidas. Saber que a morte é inevitável influencia nossas escolhas, valores e prioridades. Ela pode incitar medos e ansiedades, mas também pode levar à busca por significado, propósito e transcendência.

Para Munanga, a morte é um acontecimento do qual praticamente ninguém deseja ouvir falar, pois nunca possui uma conotação positiva, apesar de sua universalidade.

De acordo com Munanga, a percepção da morte vai além do entendimento individual e está profundamente enraizada nas estruturas sociais e culturais. Ele sugere que a morte, embora inevitável e frequentemente temida, não deve ser vista como um fim trágico, mas como uma transição em um ciclo contínuo. A existência humana, portanto, está subordinada a forças maiores, como a linhagem, a sociedade e o mundo, que perduram além da vida individual.

Essa visão ressignifica a morte, inserindo-a em um contexto mais amplo de continuidade e conexão com algo maior do que o indivíduo. Ao perceber a morte dessa maneira, podemos encontrar um sentido mais profundo na nossa existência e nas nossas relações com a comunidade e o mundo ao nosso redor. As tradições culturais e os rituais fúnebres, por exemplo, podem ser vistos como formas de celebrar essa transição e reforçar os laços com as entidades preexistentes mencionadas por Munanga.

Para Crossetti, o ser humano reconhece a morte como um fato, mas tem grande dificuldade em aceitá-la como uma característica intrínseca da natureza humana. Ao adotar uma postura de autodefesa em relação à morte, o indivíduo assegura a capacidade de pensar e agir, mascarando seu real significado (Crossetti, 1997, p. 66).

Existem sociedades que valorizam e respeitam a morte de maneiras variadas, dependendo de sua cultura, contexto e religião. Nas sociedades africanas, por exemplo, é um dever prestar reverência à morte. “Há uma sociedade que respeita o homem e aceita a morte: a africana; e outra mortífera, onde a morte atormenta e aterroriza: a ocidental” (Antônio Gomes *apud* Thomas, 1997, p. 527).

Essa diferença de atitudes em relação à morte reflete a diversidade cultural e espiritual entre as sociedades. Nas culturas africanas, a morte é frequentemente vista como uma transição para outra forma de existência, sendo parte de um ciclo contínuo de vida. Os rituais e cerimônias fúnebres são momentos de celebração e de reafirmação dos laços comunitários e ancestrais.

Por outro lado, nas sociedades ocidentais, a morte é muitas vezes percebida com medo e tristeza, sendo frequentemente associada à perda definitiva e ao fim da existência. Essa diferença mostra como as crenças, valores e práticas culturais moldam a forma como as pessoas enfrentam e compreendem a morte.

Sendo assim, no contexto africano, após o falecimento de uma pessoa, várias fases cerimoniais fúnebres são realizadas antes do sepultamento, como lavar o corpo do falecido, vesti-lo e cobri-lo com panos. "O choro propriamente dito, que ocorre imediatamente após a morte, inclui os cuidados com o cadáver, seu embrulho em pano e o interrogatório do defunto, seguido da inumação" (Saraiva, 2003, p. 183).

Levando em conta o que foi dito pelos autores, pode-se entender que, embora a morte seja um acontecimento universal, ela é compreendida, enfrentada e interpretada de maneiras diferentes dependendo do contexto social, cultural e étnico, independentemente de as pessoas pertencerem ou não ao mesmo país. Cada cultura desenvolve suas próprias práticas e rituais para lidar com a morte, com base nos seus valores e crenças. Em algumas culturas, o foco pode estar em proporcionar uma passagem pacífica para o falecido, enquanto em outras pode haver uma ênfase maior no apoio e consolo aos enlutados. Esses rituais não só ajudam a comunidade a processar a perda, mas também reafirmam os laços sociais e culturais, proporcionando um sentido de continuidade e pertencimento.

6.3 CERIMÔNIA FÚNEBRE DE MANDJACU DE BABOK

A cerimônia fúnebre é um momento de grande significado emocional e social, proporcionando uma oportunidade para familiares e amigos se despedirem e prestarem suas últimas homenagens a alguém querido. Este ritual de passagem não é apenas uma forma de dizer adeus, mas também serve como um momento de reflexão sobre a vida e o impacto que o falecido teve naqueles que ficaram. Além de seu papel na despedida, a cerimônia fúnebre também desempenha uma função importante no processo de luto e cura. Ela oferece um espaço para a expressão coletiva de dor e saudade, permitindo que os enlutados compartilhem suas emoções e recebam apoio mútuo. Essa troca de sentimentos ajuda a aliviar o peso da perda e a construir um sentido de solidariedade entre os presentes.¹

De igual modo como a morte é interpretada em contextos diferentes, assim também as cerimônias fúnebres variam de acordo com o lugar, baseadas nas normas, as crenças, tradições e valores de diferentes sociedades. Seja através de rituais religiosos, homenagens pessoais, ou celebrações de vida, esses momentos são fundamentais para honrar a memória do falecido e fortalecer os laços comunitários. Em muitos casos, a cerimônia fúnebre marca o início de um

¹ Disponível em: <https://www.vivamaisplan.com.br/cerimonia-funebre/>. Acesso em: 5 jan. 2024.

novo capítulo para os enlutados, ajudando-os a encontrar um caminho para seguir em frente enquanto mantêm viva a lembrança de quem se foi.

Na Guiné-Bissau, segundo Lopes (2023), antes do sepultamento, é realizado um ritual em que o cadáver é lavado para purificação, vestido com roupas simples que o falecido costumava usar em vida e envolto em panos que têm um significado afetivo para a pessoa falecida. Às vezes, são colocados objetos junto ao corpo que foram encomendados para a família pelo próprio falecido antes de sua morte, sendo o defunto o portador desses itens. Após esses preparativos, o corpo é levado para o enterro.

Os Mandjacus de Babok, antigamente, tinham o costume de ter cemitérios familiares onde sepultavam seus entes queridos. Existem práticas distintas para o sepultamento dos falecidos. Os homens têm suas cabeças voltadas para o nascer do sol, enquanto as mulheres têm suas cabeças voltadas para o pôr do sol. Lopes (2023) menciona que os Mandjacus de Babok acreditam que todos os eventos, como doenças, acidentes e mortes, têm uma razão e são explicáveis. Da mesma forma, Da Costa (2023) afirma que, após o funeral, eles realizam a consagração de djongagu, um ritual que permite compreender o significado da morte. Essa consagração pode ocorrer no mesmo dia do funeral ou mais tarde, dependendo das preferências da família. Ou seja, esses rituais não apenas marcam o encerramento do ciclo da vida, mas também são vistos como uma oportunidade para refletir sobre o significado e o propósito por trás dos eventos que levaram à morte. Para os Mandjacus de Babok, a consagração de djongagu² é um momento crucial para encontrar sentido e paz diante da perda de um ente querido.

Com base nos argumentos dos autores citados, observa-se que a cerimônia fúnebre entre o povo Mandjacu de Babok possui uma significativa importância. Além de purificar os mortos, a cerimônia também é vista como um acompanhamento do falecido em direção à sua nova jornada. É considerada a primeira etapa do ritual fúnebre e um momento de profunda tristeza para os vivos. Para os Mandjacus de Babok, esses rituais não apenas marcam o fim da vida terrena de um indivíduo, mas também são vistos como uma passagem crucial para outra forma de existência. Eles oferecem aos vivos a oportunidade de prestar homenagens finais ao falecido e de iniciar o processo de luto e cura emocional. Esses rituais não são apenas cerimônias de despedida, mas sim celebrações da vida passada e preparação espiritual para o que está por vir.

² Djongago é uma estrutura semelhante a um caixão feita de canas de bambu envoltas numa esteira as atadas com cordas feitas com folhas de palmeira. Dentro da estrutura são colocados folhas e ramos de uma planta especial, que se crê pode evocar a alma da pessoa morta para revelar a causa da morte a todos os parentes (Scantamburlo, 1978, p. 47).

6.4 RITUAL DE TOKA TCHUR DO POVO MANDJACU DE BABOK

O ritual de Toka Tchur é uma prática cerimonial profundamente enraizada na cultura do povo Mandjacu de Babok. Este ritual não apenas marca o fim da vida terrena de um indivíduo, mas também representa uma transição significativa para uma nova fase espiritual. De acordo com Benzinho e Rosa (2015), o Toka tchur é uma cerimônia tradicional transmitida pelos ancestrais, destinada a manter a conexão entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Esse ritual envolve a evocação do espírito, permitindo que a alma do falecido transite para o mundo dos ancestrais. conforme descrito por Benzinho e Rosa (2015), é uma cerimônia tradicional que visa preservar a ligação entre os vivos e os mortos. O ritual envolve a invocação do espírito, possibilitando que a alma do falecido passe para o mundo dos ancestrais. Essa prática demonstra a importância cultural e espiritual de manter os laços com os antepassados, conforme transmitido ao longo das gerações.

Para Da Costa (2023), o ritual de Toka-Tchur é uma cerimônia tradicional praticada pelos ancestrais Mandjacus de Babok muito antes da colonização. Após a morte e o sepultamento de um jovem falecido, a cerimônia é realizada imediatamente. Se o falecido for idoso, porém, pode ocorrer dias, semanas ou até meses depois do falecimento, e às vezes até um ano ou mais, dependendo da capacidade da família de obter os recursos necessários para a realização do ritual. Neste contexto ritualístico, um animal é sacrificado como parte da comunhão, servindo como elo entre o mundo dos vivos e dos mortos. O sangue derramado no chão durante o sacrifício simboliza a passagem para o outro lado, onde a alma pode encontrar seu descanso eterno.

Ainda, para Da Costa (2023), o ritual não apenas estabelece uma conexão entre os dois mundos, mas também simboliza a continuidade da vida, permitindo que os ancestrais protejam os familiares vivos e purifiquem a alma do falecido. É importante destacar que a realização dessa cerimônia é considerada essencial; portanto, pode ser realizada imediatamente após o falecimento e o funeral, especialmente se a pessoa for jovem. Caso contrário, pode ocorrer dias, meses ou até anos depois, dependendo da preparação da família.

Padre Abulai (2014), considera o Toca-Choro praticado pelo povo Balanta de Patch é crucial para o descanso das almas dos falecidos e facilita sua transição para o mundo dos antepassados. A ausência desse ritual pode resultar na alma vagando e até causar descontentamento entre os familiares, conforme relatos orais. Antigamente, o Toca-tchur era mais restrito e sagrado, excluindo a presença de crianças e restringindo o acesso a qualquer pessoa fora da família. O sacrifício animal era simplificado, focando apenas no derramamento

de sangue, independentemente do tipo de animal. Com o tempo, especialmente devido às mudanças na sociedade, as crianças passaram a participar, transformando o ritual em uma celebração festiva.

Da Costa (2023) observa que, no passado, o Toca Tchur não era tão exigente quanto hoje, pois o sacrifício de um porco e um litro de cachaça eram suficientes. O toque do bumbulum era utilizado para enaltecer as realizações da pessoa antes de sua morte. Portanto, o ritual de Toka-Tchur é uma tradição ancestral dos Mandjacus de Babok, assim como dos Mancanhas, Papeis e Balantas, anterior à colonização. Para esses grupos, é uma cerimônia sagrada que facilita a passagem da alma para o mundo dos ancestrais. O momento do toque de bumbulum é considerado um transe genuíno, descrevendo a vida e a morte da pessoa. O ritual é reservado para adultos, que celebram dançando ao som do bumbulum.

7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste projeto de pesquisa envolve a combinação de dois grandes caminhos interligados. Inicialmente, será conduzida uma pesquisa exploratória, com foco na compreensão aprofundada do ritual fúnebre toka tchur do grupo Mandjacu de Babok. E, no segundo momento, será desenvolvida pesquisa de campo, como forma de coleta de dados analíticos. Considerando o nosso objetivo geral e a pergunta de pergunta partida, decidimos adotar neste trabalho a abordagem qualitativa, ancorada na pesquisa documental e na pesquisa de campo. Para coleta dos dados, faremos num primeiro momento a pesquisa bibliográfica, selecionando ensaios, artigos e livros que abordam a questão pesquisada.

Segundo Triviños (1987, p. 146), a entrevista semiestruturada é aquela que parte certos questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam com tema da pesquisa, e que, oferecem a seguir um grande campo de interrogativas. Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões ligadas ao tema, às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer surgir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Doze participantes serão entrevistados, sendo seis idosos (chefes das tabancas), quatro homens da idade média e dois jovens. Entre os entrevistados, destacam-se os régulos, os homens da idade média que de algum modo vivenciaram os procedimentos antigos da

realização do ritual de Toka Tchur assim como os atuais, e os jovens que estão vivenciando as atuais mudanças vistas hoje nas comunidades. A escolha de realizar entrevistas semiestruturadas proporcionará flexibilidade, permitindo a adaptação das perguntas conforme a dinâmica da conversa e a emergência de temas relevantes durante o processo. Isso contribuirá para uma compreensão mais holística e rica do fenômeno em estudo.

Durante a pesquisa de campo, serão abordadas questões relacionadas aos rituais fúnebres e toka tchur, buscando visões significativas sobre os elementos culturais e simbólicos presentes nessas práticas. As entrevistas serão conduzidas de maneira aberta, permitindo que os participantes compartilhem suas experiências e percepções de forma mais ampla. É importante salientar que a nossa escolha se fundamenta no fato que essas tabancas constituem, como já foram apontadas, são zonas com maior predominância dos Mandjacus e nas quais esse ritual de Toka-tchur é geralmente organizado. Para as escolhas dos interlocutores que serão entrevistadas serão considerados o gênero e posição social. Por outro lado, o projeto também incluirá uma pesquisa de campo que será desenvolvida na Guiné-Bissau, concretamente na Região de Cacheu, especificamente no setor de Canchungo, no qual serão realizadas entrevistas semiestruturadas nas comunidades de Barra, Tchulam, Cadjindjassa e Canchungo.

Terminada a pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas semiestruturadas, faremos a análise de conteúdo para compreender as informações obtidas e proceder a interpretação dos dados, buscaremos a partir dela analisar criticamente o sentido das comunicações, ou seja, o não dito do discurso. Essa análise será feita em etapas distintas. No primeiro momento, faremos a pré-análise; no segundo, a exploração do material; no terceiro e o último momento, faremos o tratamento dos resultados e a sua interpretação.

Feita a pesquisa bibliográfica e as entrevistas semiestruturadas, faremos a análise de conteúdo para compreender as informações obtidas e proceder a interpretação dos dados. Essa análise será feita em etapas distintas. No primeiro momento, faremos a pré-análise; no segundo, a exploração do material; no terceiro e o último momento, faremos o tratamento dos resultados e a sua interpretação.

8 CRONOGRAMA

Atividades a serem desenvolvidas por ano / semestre	5° Semestre Agosto -Dezembro	6° Semestre Janeiro - Maio
Pesquisa Bibliográfica	X	
Levantamento e seleção de materiais de leitura bibliográfica	X	
Leitura e Confecções de fichamento da bibliografia.	X	
Produção dos instrumentos de coleta (roteiros de entrevista).	X	
Realização, transcrição e análise das entrevistas	X	X
Escrita do projeto		X
Entrega e Defesa do TCC		X

REFERÊNCIAS

- BENZINHO, Joana; ROSA, Marta. Guia turístico: **à descoberta da Guiné-Bissau**. 2015. Disponível em http://www.eeas.europa.eu/archives/delegations/guinea_bissau/documents/press_corner/20160215_guia_guinea_bissau_uniao_europeia_afectos_pt.pdf. Acesso em: 10.mar.2018.
- BELLATO, Rosaney, and EC de Carvalho. "**O jogo existencial e a ritualização da morte.**" *Rev Latino-am Enfermagem* 13.1 (2005): 99-104.
- BARFIELD, Thomas. *The Dictionary of Anthropology*. 1997.
- BERNARDO, Gomes de Jesus. **MANJACOS DA GUINÉ-BISSAU: SOBRE DISCURSOS, CULTURA, SABERES E TRADIÇÕES PERÍODO COLONIAL E PÓS-COLONIAL**. 2018.
- CALI, Victor João. **A reestruturação da rede urbana e o seu contributo para o ordenamento do território da Guiné-Bissau**. 2012. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/7795/1/Trabalho%20de%20Projecto%20Cali%2016%20Abril%202012%20VF.pdf>. Acesso em: 11.fev.2018.
- CARDOSO, Leonardo. **Os Brames: Da Morte ao Enterro**. Soronda Revista de Estudos Guineenses. Bissau, Nova Série, n. 8, p. 07-28, 2004.
- CROSSETTI, Maria da Graça de Oliveira. **Processo de cuidar: uma aproximação à questão existencial na enfermagem**. 1997. Diss. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem–Curso de Pós-Graduação em Enfermagem–REPENSUL. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- DA COSTA, Mário. **Os Ritos e costumes do Mandjacu de Babok**. 2023.
- LOPES, Djedoné. **Toka choro do Mandjaco da na Guiné-Bissau**. 2023.
- DO NASCIMENTO, Flor. **Sobre os candomblés como modo de vida: imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis**. *Ensaio Filosóficos*, v. 13, p. 153-171, 2016. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo13/11_NASCIMENTO_Ensaio_Filosoficos_Volume_XIII.pdf. Acesso em: 17/10/2018.
- EVANS-PTRITHARD. Edward Evan. **Bruxaria, oráculos entre Azande**. Edição resumida e introdução, Eva Gillis; tradução Eduardo Viveiros de Castro. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 09/10/2018.
- JONG, Joop T. V. M. **O Irã, o Fulano e a doença**. Soronda: Revista de Estudos Guineenses, Bissau, n. 5, p. 5-24, jan. 1988.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A questão ancestral: África negra.** São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros.** Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, v. 2, p. 154. 1990/1991.

RODOLPHO, Adriane Luísa. **Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão bibliográfica antropológica.** Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 44, n. 2, 2004.

SANCA, José Ricardo. **Práticas de culto dos ancestrais na Guiné-Bissau: o destino dos mortos na etnia mancanha,** p. 3-6, 2014.

SARAIVA, Clara. **Rituais funerários entre os Papéis da Guiné-Bissau (Parte I).** Soronda, Revista de Estudos Guineenses, v. 6, p. 179-210, 2003.
[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=os+processo+de+rituais+de+Toca-Choro&oq=Rituais+](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=os+processo+de+rituais+de+Toca-Choro&oq=Rituais+ Acesso em: 22/11/2018.) Acesso em: 22/11/2018.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **As Mandjuandade: Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral.** Disponível em:
https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=AS+MANDJUANDADI+-+CANTIGAS+DE+MULHER+NA+GUIN%C3%89-BISSAU%3A+da+tradi%C3%A7%C3%A3o+oral+%C3%A0+literatura&btnG=à+literatura.
 2010.

SCANTAMBURLO, Luis. **Etnologia dos bijagós da ilha de bubaque.** Thesis de Master of Arts em Antropologia na Universidade Wayne Staté, de Detroit (Michign, U.S.A.), 1978.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

SANHA, Padre.abulai. **Funeral dos balantas patch no contexto da pastoral funerária cristã, para uma evangelização inculturada e um diálogo convergente.** Monografia (licenciatura) Seminário Maior Dom Settimio Arturo Ferrazeta em Bissau, 2014.